



Albino Terra Garcia

# Degradação original

Acabo, mais uma vez, de ter alta do hospital (extensão funcional do HH no edifício do Centro de Saúde da Madalena). É o lugar onde me sinto melhor como doente internado pelo tratamento, não exclusivo, que me é dispensado por parte de todos os cuidadores: médicos, no caso médica internista, enfermeiros e pessoal auxiliar. Digo-o há muito: o Pico deveria orgulhar-se desta pequena conquista mais que merecida e destes profissionais que poderão ser exemplo em qualquer parte. Fala a voz da experiência e a todos eles me sentirei sempre imensamente grato, especialmente à dedicada e jovem médica, Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Silveira.

Desde a inauguração deste edifício, e como acontece com todas as construções públicas edificadas na ilha do Pico, nota-se que o Centro de Saúde da Madalena não tem qualidade, apresenta deficiências nas paredes, teto, etc... É a nossa sina de picarotos como já escrevi algumas vezes. Mas esta construção recente é por demais sinal da nossa discriminação negativa, São fissuras, deslocação de materiais, humidade vincada... Enfim, um edifício pessimamente mal construído e certamente mal fiscalizado durante a sua construção visto haver deficiências que se começaram a notar logo desde a inauguração. Mas, como sabem, o picaroto contenta-se com pouco... Os vários pátios interiores, então, parece que nunca foram acabados. São ercaal perdido a caminhar para floresta.

Desta vez o meu internamento deparou-se com uma péssima situação, até para mim que não me dou nada com ar condicionado. É que o nosso Centro de Saúde, incluindo a ala de internamento, está sem ar condicionado. Certamente não serei dos que têm maior razão de queixa nesse aspeto, mas creiam que é insuportável

a um doente e, até mesmo a alguém saudável, ficar enjaulado por dias dentro de um edifício daqueles construído, certamente, com materiais sem qualidade, tetos de chapa a absorver constantemente o calor do dia, todos os quartos e divisões transformados em gabinetes de sauna... E, depois, as noites longas num vira-vira, para quem ainda se pode virar evidentemente, as horas a passar e o sono que nunca chega porque não há condições. Ninguém nos vale porque não há maneira de poder fazê-lo. Todos sofrem com o mesmo: os funcionários com a vantagem de não estarem doentes, os doentes com a vantagem de não terem que trabalhar e, assim, não despenderem esforços que os levem a uma maior transpiração... Uns e outros a sofrer.

Passam-me as noites em claro. Apenas consegui dormir um pouco durante uma das noites em que lá fiquei. Depois, só ouvindo o silêncio ou os ruídos do tempo, os pingos de chuva que caem compassadamente e penetram na estrutura recente e já tão degradada.

Dizem-me que as coisas estão assim desde há algum tempo, mas não há dinheiro... Para o Pico nunca há dinheiro. Para os doentes do Pico muito menos. Dinheiro só para festas, ralyes, campanhas, propagandas... E hão de vir os barcos elétricos que nos continuarão a levar para o Faial com bom e mau tempo, com mais ou menos doença, com mais ou menos, cada vez menos, coragem e disposição...

Será que alguma vez se fará alguma coisa de jeito no Pico? Um porto? Um terminal? Uma escola? Uma rampa? Um pavimento?

Ou estamos destinados a que tudo nasça torto à nascença?

## Lagoa da Fajã da Caldeira do Santo Cristo no Sistema Nacional de Monitorização de Moluscos Bivalves

A Secretaria Regional do Mar e das Pescas, através da Direcção Regional das Pescas, assinou esta semana o contrato com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) para a aquisição de serviços para a classificação e monitorização da Lagoa da Fajã de Santo Cristo, na Ilha de São Jorge, como Zona de Produção de Moluscos Bivalves (ZDP).

Trata-se de uma acção estratégica para a região, já que, para além de cumprir com os regulamentos comunitários para a segurança alimentar, a Lagoa da Fajã de Santo Cristo será o primeiro sítio dos Açores incluído no Sistema Nacional de Monitorização de Moluscos Bivalves (SNMB).

O IPMA, responsável pelo SNMB, é a autoridade competente em Portugal por criar, classificar e monitorizar as zonas de produção de moluscos bivalves, de acordo com a qualidade dos bivalves e das águas, de forma a determinar se as amêijoas podem ser colocadas directamente no mercado para consumo humano, se necessitam de tratamento de depuração ou, se a apanha deve ser completamente interdita.

A amêijoia-boia (*Ruditapes decussatus*) produzida na Lagoa da Fajã da Caldeira de Santo Cristo é a única espécie de molusco bivalve actualmente explorada de forma comercial nos Açores. A classificação e monitorização de sua zona de produção foi proposta, de forma consensual, pelos membros do Grupo de Co-gestão Adaptativa da Amêijoia da Fajã da Caldeira de Santo Cristo (GCA FCSC).

Este projecto, único na Região, é o

ponto de partida para uma abordagem à gestão de recursos vivos marinhos, baseada num processo de partilha de conhecimento, informação e de poder de influência na tomada de decisão, de forma a promover a colaboração mútua e o consenso entre os principais envolvidos para formulação de propostas de soluções sustentáveis a respeito da captura responsável da amêijoia e de operações de protecção da Lagoa da Fajã de Santo Cristo.

As acções do GCA FCSC são baseadas nos pilares da sustentabilidade ambiental, económico-financeira e motivadas por questões sociais.

Os resultados emitidos pelo SNMB, de todas as espécies a nível nacional, são publicados na sua App, Facebook e Página Web e permitirão aconselhamento técnico à DRP e ao GCA FCSC de apoio às decisões de alerta, interdição, abertura, reclassificação temporária ou proibição temporária da apanha e comercialização da amêijoia da Fajã de Santo Cristo.

O estabelecimento deste sistema de segurança alimentar e rastreabilidade atende à importância e à necessidade em oferecer produtos seguros e certificados aos consumidores.

O contrato agora assinado tem um prazo de execução de 24 meses e contará com diferentes fases.

Inicialmente, avançar-se-á com a formação de elementos responsáveis pela colheita e envio das amostras ao IPMA e, posteriormente, será executado um Estudo Sanitário que inclui colheita de amostras que tem como objectivos identificar as possíveis fontes de poluição da Lagoa de Santo Cristo,

definir os limites da ZDP e os pontos de amostragem da monitorização.

Suceder-se-ão duas fases de classificação. Os primeiros seis meses para a classificação provisória que contará com análises quinzenais para *Escherichia coli*, que é um bioindicador de poluição humana e animal, e trimestralmente para metais pesados. Após os seis meses iniciais, serão 12 meses de monitorização para a atribuição de classificação definitiva que contará, para além das análises da classificação provisória, análises semanais de biotoxinas marinhas (lipoflicas, amnésicas, paralisantes) e fitoplâncton nocivo. A colheita das amostras será articulada pela DRP conjuntamente com a Associação de Produtores de Amêijoia da Fajã de Santo Cristo (APAS).

Após o seu término, o contrato será renovado para uma monitorização regular, sendo que parte das análises poderão ser feitas na Região, nos laboratórios locais habilitados. Nesta altura, para além da colheita de amostras, a formação poderá ser administrada elementos da DRP.

A monitorização da qualidade da amêijoia e da lagoa é fundamental para o futuro projecto de rastreabilidade da amêijoia da Fajã de Santo Cristo que está a ser elaborado de forma consensual, partilhada pelos diversos membros do GCA FCSC.

Este modelo de gestão servirá para outras espécies produzidas na Região, de forma a promover a segurança alimentar, a qualidade dos produtos da pesca e a captura sustentável e responsável dos recursos naturais da Região.

## Autarquia da Ribeira Grande procede à limpeza da Praia dos Moinhos

A Câmara Municipal da Ribeira Grande, devido à presença, em abundância, da alga asiática "Rugulopteryx okamurae", já realizou, no decorrer do presente ano, três acções de limpeza na Praia dos Moinhos, na freguesia do Porto Formoso.

Trata-se de uma macroalga castanha, que desde 2019, tem dado à costa e invadido as zonas balneares dos Açores, numa escala considerável.

Apesar das acções já realizadas, as acumulações da espécie continuam e, neste sentido, a autarquia da Ribeira Grande evidenciou novos esforços para a limpeza da Praia dos Moinhos, tendo enviado uma máquina ao local para a remoção da espécie, mantendo assim a zona banear limpa e agradável para os seus utilizadores.

